



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XV — N.º 389 — Preço 1\$00  
7 DE FEVEREIRO DE 1959

Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário  
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

## Facetas de uma Vida

Diz-nos o Rev. mo Padre Augusto Nunes Pereira:

Havia também na 3.ª Prefeitura, correndo entre os seminaristas, uma publicação manuscrita, a «Folha de Oxford», mas quase só para a risada.

Brilhavam nela o João da Cruz Fernandes, actual Pároco de Condeixa-a-Velha e José Ribeiro da Costa, Pároco de S. Lourenço do Bairro, da diocese de Aveiro. O Américo ainda colaborou nela e chegou a dactilografá-la. Mas a folha não estava no seu feitio, nem dos que mais o rodeavam — e resolveram fazer uma a sério.

Combinando dar cada um a sugestão do título num bocado de papel lançado secretamente numa bolsa, viu-se que resultava ainda o predomínio da galhofa. Por proposta do Américo, foi encarregado da escolha do título o Augusto Nunes Pereira, que, sob a influência da leitura de António Sardinha, sugeriu «Lume Novo», nome que ainda dura.

Foi no Círculo de Estudos, especialmente, que fez bem aos seminaristas seus companheiros,

prevenindo-os de algumas coisas que não achava certas e sugerindo outras. Por exemplo: Notando que alguns não comungavam, disse-lhes: «Todos têm mais de 16 anos... Deviam, pois, tomar a sério um certo número de coisas e habitnarem-se ao sentido da responsabilidade. Por exemplo: a Comunhão! As ausências da Mesa Santa são um sintoma triste. Para mim peçirei a Deus que me leve à Comunhão Eterna no dia em que tiver de ficar sem Comunhão».

E coisas semelhantes lhes dizia nas reuniões.

Anigo de todos, havia contudo um grupo de condiscípulos por quem tinha especial estima: António Antunes da Cruz Gomes, falecido sendo professor de Teologia no Seminário de Coimbra; Augusto Nunes Pereira, actual Pároco de S. Bartolomeu, em Coimbra; Silvestre Dias Gouveia, Vigário da freguesia de Assafarge da Diocese de Coimbra; César Roque Pereira, que faleceu Pároco de Mouronho, concelho de Tábua; Raul Mira, actual Reitor do Seminário de Quelimane; e outros.

As aves do Céu fazem o seu ninho e forram-no com penugem para ser mais macio, mais acolhido, mais quentinho!

Quem não viveu já a ternura dos passarinhos na criação dos filhos? Quem? Se todos os livros falam disto às crianças?... Se todos os pais apresentam exemplos semelhantes a seus filhos?...

As aves, como todos os animais, são enriquecidas de iguais instintos. No homem esta riqueza é apurada com requintes de sensibilidade e inteligência perfeitamente palpáveis quando a casa desaparece e surge o monstro da barraca ou a asquerosidade da toca! A casa é necessária à família como ao peixe a água. Sem casa não há família! Não há. Ninguém é capaz de defender o contrário. Na barraca não há família. Há incestuosidade nascida na promiscuidade. Há separação gerada pelo nojo. Há nojo emerso da miséria. Há olhos encovados, rostos pálidos, almas tristes e caídas, esperanças desvanecidas. Ódio de tudo e de todos! Nas tocas, como nas barracas os pais misturam-se com as filhas e os filhos com as mães,

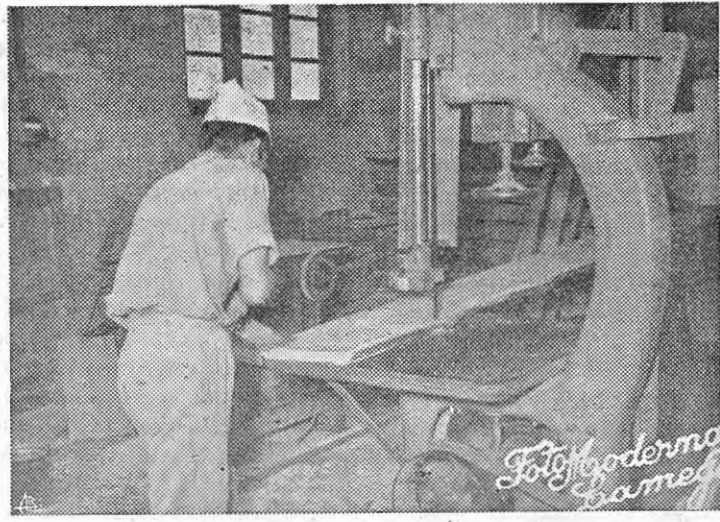


os irmãos com as irmãs! Inferno! O único termo é este: inferno. Inferno agora que leva ao verdadeiro Inferno depois!

Uma casa é algo de sagrado. Uma casa feita por amor de Deus tem pedaços de sobrenatural e realiza ressurreições inacreditáveis. Uma casa que seja casa une a família, traz-lhe condições de indissolubilidade, restaura adultérios, conquista paz, põe Deus, dá felicidade! Ó! sopro divino que Pai Américo nos deixou! Ó grandeza que nos oferece uma alegria semelhante à de Maria na manhã da ressurreição! Ver famílias ressuscitadas! Ver Deus a poder viver no coração dos homens! Palpar sensivelmente a acção do Divino por meio do humano!

Cristo tinha razão em pôr em primeiro plano as obras de misericórdia! Elas são tudo! Fazem tudo! Até o impossível.

Eu não quero faltar à carida-



«Um dia de trabalho corresponde a uma noite tranquila e sã».



Acabo mesmo agora de perguntar ao «Cigano», meu secretário de 12 anos, qual é o trabalho que me custa mais, e ele respondeu prontamente: *É escrever pró jornal.*

É mesmo! Não sei por quê, mas é. De há tantos anos que escrevo e tenho sempre a mesma dificuldade. Não é falta de assunto, mas sim de jeito e temor de responsabilidade.

Recordo-me bem de Pai Amé-

rico nos recomendar que escrevessemos como quem reza. *Olhem que são cem mil leitores. Ninguém tem um auditório tão grande. Escrevei como quem reza.*

Juntamente com a paternidade social que aceitamos ao entrar na Obra da Rua, não podemos esquecer a nossa missão de evangelizadores. Não são só os filhos que nos preocupam; são também todos os homens, de todas as condições e todos os credos. *Ai de mim se não evangelizar.*

Quem lê os jornais há-de ter notado a fúria de reclame pelo Carnaval que se aproxima. Grupos estrangeiros, grandes cartazes, um extraordinário acontecimento. Algum recortou num diário e mandou-me o programa do Carnaval Internacional a realizar num casino de Portugal com a presença das maiores celebridades mundiais e com quatro maravilhosos bailes: *trajes de noite, fantasias com trajes luxuosos, trajes improvisados, e mais, e mais, e ainda com tudo isto anotado: é permitido o uso de mascarilha — todas as noites. O casino vai ficar totalmente transformado.*

Vai, sim senhor. Vai ficar transformado num açougue e num inferno.

Informaram-me que neste mesmo casino se venderam bilhetes para a noite do fim do ano a trezentos escudos cada. Agora cada um custa mil.

No reverso da medalha podemos gravar também estes dois reclames, que são de povoado a paredes meias com o primeiro: Uma família com treze filhos, sendo o mais velho de vinte e um anos e o mais novo de quatro me-

## UM AVISO

Temos recebido vales do correio pagáveis em Paços de Ferreira, outros no Porto, ainda outros em Cete!

Os senhores tenham paciência: façam o favor de mandar os vales pagáveis em PAÇO DE SOUSA. Assim poupam-nos trabalho e muita trapalhada.

## UMA CARTA

«Meu querido amigo e Senhor Padre Carlos:

Que a minha carta o encontre de saúde são os meus votos sinceros.

Eu e minha mulher bem, graças a Deus.

Cá estamos na nossa casinha, Vivo muito contente. Encontrei enfim a tranquilidade que desejava. Tenho o meu lar, e uma mulher que me acarinha e me zela. É escusado dizer que gosto também muito dela.

Tenho uma casa muito bonita e gostava que a viesse ver quando pudesse. Peço no entanto que me avise com antecedência, afim de eu estar presente.

A vida vai decorrendo o melhor possível. Há trabalho, e, graças a Deus, não me falta saúde.

Do meu casamento, não tenho palavras que o possam descrever. Foi lindo! A Missa nesse dia parecia ter um significado muito especial para todos e eu senti-me comovido durante toda a cerimónia. Os nossos rapazes cantaram com um fervor imenso e a nossa capela estava cheia. — Casava um «Gaiato».

Tive muita pena de não o ver presente. Todavia, a sua carta recompensa-me e fez-me sentir que estava presente. Agradeço a prenda de casamento e peço desculpa de só hoje o fazer. Senhor Padre Carlos, se aparecer qualquer colocação agradeço se lembre de mim. Eu não estou mal, mas a construção civil tem as suas crises.

Junto a esta carta envio uma foto do nosso casamento. Não formamos um casal muito simpático?

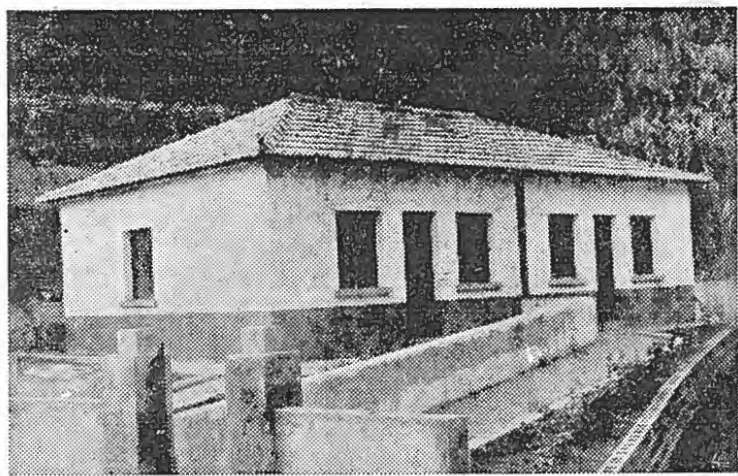
Vou dar-lhe uma novidade, Senhor Padre Carlos. A minha mulher já conseguiu que eu deixasse de fumar. O dinheiro que eu gastava em média por semana, vai para um mealheiro que eu fiz nas horas vagas.

E por hoje mais nada. Agradeço que nos escreva quando puder.

Saudades para todos e abraços para o Senhor Padre Carlos, do João e Ermelinda».

Continua na 4.ª página





Trapiche — Santo António (Funchal), não quer famílias na toca — e levanta casas do Património.

A Procição teve de ceder lugar ao caudal vivificante dos 30.000×20\$. Deveria ter saído no último Gaiato, que alguns devotos incorporados nela estranham a demora do sair... mas o espaço não consentiu.

Torna-se cada vez mais difícil fazer o *Famoso*, graças a Deus. Eu tenho em minha frente um papelinho com motivos para escrever. São lembranças minhas e sugestões do Júlio, mais do Daniel e dos leitores... Mas quê?... Vamos às secções habituais, às inadiáveis — e não há remédio senão ir esperando, esperando...

Vamos por isso, já à Procição. Hoje vêm à frente os grupos de trabalhadores que, incansavelmente, mês após mês, aí aparecem. Pessoal da HICA, 1.999\$10. Pessoal do Grémio da Panificação, 187\$50+119\$+191\$. Casa Candidinha e seu Pessoal: as 23.<sup>a</sup> e 24.<sup>a</sup> prestações. Empregados do Banco de Angola: 60\$ (cobrança de Dezembro). Mais bancários, os da filial de Guimarães do Espírito Santo, «ao iniciar o oitavo ano de actividade para o Património dos Pobres»: 232\$50. E os funcionários dos C. T. T. do segundo Sector Telegráfico, de Lisboa com 3024\$50.

Logo a seguir passam os das casas por inteiro.

Por «uma graça do Coração de Jesus», a 5.<sup>a</sup> casa já. O número não sei qual daquele par de avós (mais parecem noivos!) que aqui tem vindo todos os dias primeiros de cada ano e promete continuar enquanto houver vida e saúde.

12.100\$ dos Funcionários da Câmara Municipal do Porto. Quantidade junta gota a gota com o comparticipação dos mais modestos funcionários: uma presença total, por isso mesmo preciosa.

«Um modesto casal sem importância» envia a «Casa da Saúde» a ser «construída aonde for da vossa preferência e distribuída a quem melhor entenderdes.

...Não pretendemos nem tão pouco buscamos agradecimentos que nos não são devidos, pois que nos consideramos amplamente compensados pela alegria que DEUS nos concede, tornando-nos possível cumprir o nosso dever de solidariedade».

Que consciência! Se todos os homens, se ao menos todos os cristãos, pensassem e sentissem e agissem desta sorte, como seria fácil evitar as multidões de homens, talvez de boa vontade, que andam a procurar longe de Deus e, sem Ele, a reconstrução do paraíso perdido!

«Modesto casal...», nós não confirmamos a recepção do cheque porque não vinha remetente.

(Nem nós sabemos quem vós sois!) E esta secção ainda se não publicou depois da vossa oferta.

E finalmente a «Casa de N.<sup>a</sup> Senhora Auxiliadora». Que a Mãe do Céu a auxilie no resto da sua vida e lhe alivie a Cruz, minha Senhora. Três achegas a outras tantas casas: 20\$ da Graciela para a Casa dos Professores Primários; o mesmo da assinante 14.750 para a Casa de S. Carlos; e outra vez 20\$, de Laura, para a Casa de N.<sup>a</sup> Senhora do Carmo.

Surgem agora os de todos os meses: O «do plano decenal»; o «do tabaco a menos», duas vezes e não sei quem, de Lisboa,

com 200\$, «referentes a Dezembro e Janeiro, com os quais perfaz exactamente 2900\$»; e o Vitorino do Porto; e a «Avó de Moscovide»; e o E. D. M. a dizer, com 20\$ na mão: «Nunca

quem esperou todo esse tempo bem pode esperar mais um mês...» É «uma licenciada».

E Sapataria (Oeste). E dez contos da R. de S. Francisco Xavier — Lisboa, que um genro manda em nome da sogra. E 50\$, mais o desejo de «Ano Novo cheio de prosperidades para a Obra», de «um assinante do Velho Xai-Xai».

Fecha o desfile um grupo, considerado da casa. Eu vou-lhe chamar a «Irmandade do Amor de Jesus». São os das casas a prestações. Gente que não falha nunca, estimulada pelo desejo de ver realizado o seu anseio.

— O assinante 6790, «com algum atrazo — do que me penitencio», traz a 28.<sup>a</sup> prestação. E o da «Casa de N.<sup>a</sup> Senhora da Boa Nova» com a 3.<sup>a</sup>. E 1.300\$ com que se acaba a casa «Lena e Jorge» e se comprará «alguma mobília ou roupas para a família que se irá albergar nela, pois lhes fará jeito». E como muitos outros, também este senhor, que construiu a casa em memória dos seus sogros, Lena e Jorge, quer ir visitar «esses nossos Amigos», os Pobres que forem morar naquela casa. Por isso deseja saber onde ela é. O requinte da Caridade!

A «Casa Avó Ema» tem já a 12.<sup>a</sup> e 13.<sup>a</sup> pedra.

«Regina e duas filhas», mandaram mais uma bolada. O Júlio escreveu-me a perguntar em quanto vai esta casa e qual o título; assim, como, também, a

# AGORA

determinei o destinatário. Para mim só existe a Obra da Rua. De resto, ninguém melhor do que vós sabe onde a importância é melhor empregada. Eu fico sempre satisfeito com o destino que lhe derem, desde que seja dependente da Obra do Padre Américo».

Caras menos conhecidas, divisam-se já. São as que aparecem pela primeira vez ou, pelo menos, sem tanta regularidade. O assinante 25635 com 200\$. A quarta parte de outro que junta a sua prece: «Peço a Deus por aqueles, a quem a falta de uma casa, fez descer à mais aviltante degradação moral. Almas nas quais, tantas vezes, se sente Deus misericordiosamente a operar, e, cuja boa vontade esbarra com o frio esmagador dum ambiente, a que se queriam furtar, mas a falta de uma casa suficiente, não consente».

Cinquenta entregues ao Padre Horácio. Dez vezes mais «de quem tem pouco para os que nada têm». 1.100\$, de Pombal, em cumprimento de promessa. Cem do Alexandre, do Porto. O mesmo para uma telha. E outra vez cem de «uma anónima» de Lisboa. E no Espelho da Moda várias entregas. E também no Lar. E no Montepio, em Lisboa. Mais cem de Espinho, do assinante 20.856. Cinco vezes mais dum Engenheiro de Minas, da Av. Brasil, Lisboa. 300\$, metade «de um aumento por mudança de ca-

tegoria, que eu esperava há 17 anos. Só agora chegou; mas «Luiza» e a «Artur e Margarida» e a «Helena». Todos têm aparecido, mas Júlio perdeu-se nas contas. Mais mil para a casa «Por alma dum José».

O assinante 30.104 escreve: «Eu confesso que por minha culpa... só agora acordei para a grandeza espiritual de Gaiato sua Obra, que é Obra de Deus e nossa Obra.

Junto o produto do meu sonho, cinquenta escudos por cada um dos meus filhos e se eu tiver possibilidades, quero a casa das três digo, das quatro Marias, só por mim.

Quatro Marias».

E manda 450\$ para iniciar. A terça parte para a casa do Rui: a 36.<sup>a</sup> para a «Casa do António e do Fernando» e a 3.<sup>a</sup>, de 2000\$ para a «Casa Fernando e Manuela». M. A. M. R. S. R., de Espinho, começa a sua casa com 500\$. E acrescenta uma carta linda que eu deixei perder.

Mais caboucos que se abrem. Agora é Luanda a dizer: «Comprometo-me a enviar semestralmente 600\$ para custear uma casa do Património dos Pobres, cujo título seria: «Casa do José». Com as duas últimas remessas de 500\$ cada, terminou o «Lar de S. José».

«Graças a Deus chegou o dia de completar a obra e por isso

Continua na 3.<sup>a</sup> página

## CAMPANHA DE ASSINATURAS

# Notícias d'aquém e d'além mar

Damos a palavra, imediatamente, a um leitor de Lisboa:

«Que a Graça de Deus seja convosco, são os meus votos.

Já há tempos que recebi junto ao «Gaiato» um impresso para inscrição de novos assinantes, mas não tenho tido quase um momento vago, pois até esta semana trabalhava das 9 horas às 24 horas em serões. Era muito trabalho, mas dava graças a Deus por o ter. Agora acabou-se, pois já não há serões, mas graças a Deus durante aquele tempo equilibrei um pouco a minha vida.

Vem todo este arrazoado para lhe pedir desculpa de só hoje remeter o impresso e apenas com 3 novos assinantes, mas foi o que consegui arranjar. Não pagaram ainda, mas todos eles são pessoas que vivem desafogadamente e que não ficarão a dever».

Os senhores meditaram bem esta carta? Se sim, não acham que em vez de Campanha de Assinaturas, ficaria melhor no topo Campanha do Sacrifício?

Esta carta, eu creio, há-de, forçosamente, ensanguentar muitos corações inertes. É de um Homem de Trabalho. Um Cristiano. Que não lhe basta a jorna e precisa de seroar para que, em casa, não falte o pão de cada dia: «Não tenho tido quase um momento vago...» E com uma delicadeza que só em Cristo e por Cristo se compreende, «vem pedir desculpa de só hoje remeter o impresso e apenas com 3 novos assinantes».

Senhor do Céu, quão alto vai o sentido da Campanha!

Mais outra carta. É da Portela de Santiago e diz assim:

«Meus Amigos:

Permitam que vos trate assim pois sou uma «apaixonada» pela vossa Obra.

Remeto a vossa circular com três novos assinantes que consegui arranjar. O meu desejo era mandar-vos muitas, muitas assinaturas, mas não me foi possível arranjar mais nenhuma. Estes já pagaram as suas, e remeto um vale de 130\$00 que foi a importância que recebi. Logo que saia o «Gaiato» mandem-lho, pois a sua leitura vai fazer-lhes muito bem, como aliás a toda a gente. Este Jornal faz-nos melhores e devia entrar em todos os lares. Sempre que posso, falo nele e na sua maravilhosa Doutrina».

A insatisfação de quem se nos dirige é, invariavelmente, a mesma: «O meu desejo era mandar-vos muitas, muitas assinaturas...» E porquê? Por via do Jornal. Da força que ele tem de transmitir às almas a Doutrina de Cristo Jesus, no Amor dos Pobres: «Logo que saia o «O Gaiato» mandem-lho pois a sua leitura vai fazer-lhes muito bem». Quem fala com experiência tem autoridade.

Ora aqui vai mais outro leitor. É de Setúbal:

«Rogo a fineza de considerar vosso assinante... podendo enviar o último número se tiverem.

Não vai a importância a acompanhar, porque o indigitado foi «acaçado de surpresa», mas podem mandar que este é dos que não deixam ficar mal os proponentes...»

Em Alcácer bom seria voltar a espalhar a semente, pelo menos teórica porque alguma se pode aproveitar. E o Alentejo está tão carecido da boa semente!!»

Este postal feriu-me, particularmente. Eu sou do Alentejo. Sei bem quanto ele precisa de «boa semente». Ao menos, prezado amigo de Setúbal, vamos lá ver se o postal será capaz de abanar o coração de outros alentejanos. São, ainda, tão poucos, os assinantes de lá! Mas os que há, podem — assim queiram — ser o pequenino grão de mostarda...

A correspondência recebida diz que em Fuste permanece agitação. S. Mamede d'Infesta, Agueda, Viana do Castelo, Alijó, Aveiro e Viseu, até aqui não faladas, marcaram em cheio. Porto e Lisboa, o costume. De Coimbra, boas notícias. E Braga? Que é feito de Braga?!

x x x

Já que, sem querer, nos espraíamos pela Metrópole, há que condensar as notícias do Ultramar. Porém, nem por isso deixam de valer tanto como as de cá. Ora tenham a bondade de ouvir este nosso leitor de Suzana, S. Domingos — Guiné:

«Encontrando-me numa pequena povoação do interior desta província, aonde não me é possível angariar um maior número de assinantes, como era meu desejo, junto remeto o boletim de campanha de assinaturas, contendo apenas dois nomes».

Lá e cá, perfeitamente o mesmo sentir. Perfeitamente a mesma insatisfação: «Não me é possível angariar um maior número... como era meu desejo».

O fogo da Campanha não se eclipsa, no calor dos trópicos! Atinge o rubro. Ora vejam:

«Desejando presentear com uma assinatura anual do vosso jornal, a um filho meu, em estudos na Metrópole, peço a fineza de o considerar desde já.

Continua na 4.<sup>a</sup> página



# Varanda de Beire

O Lélé come à mesa comigo. Anda muito magrito e eu quero que ele bote mais um pouco de corpo. Por isso, ali o tenho algumas vezes ao dia.

Até aos sete anos, esteve internado num recolhimento, onde os da igualha eram à volta da centena. Passava o dia na cama, por falta de espaço onde pular. Serviam-lhe coisas delicadas, refeições estereotipadas e pouco naturais. Resultado: o Lélé não gosta de tudo. Não sabe apreciar tudo quanto lhe colocam no prato.

Outro dia, o caldo da ceia era hortaliça com um cheiro de farinha de milho caseiro. Todos se lambem; o Lélé não!

— Porque não comes, hoje? — Não gosto é a resposta.

E não come. Também não insistiu. Mando guardar o quinhão dele para o dia seguinte. Quando a fome apertar ele há-de apre-

sentar-se a pedi-lo. E não me engano.

Cá fora algazarra. Todos saltam ao luar mortiço. A um canto um deles, Abeiro-me. É o Lélé. Uma lágrima brilha nos olhinhos pequeninos e encovados.

— Que tens tu? — Tenho fome. Quero a sopa. E pelo meu braço lá vai ele direitinho à tijela. Uns instantes apenas. Não há mais especialidades: ou sopa ou nada. É quanto basta. Se houvesse o prato a escolher, tinhamas tudo estragado. Assim não.

A escola das necessidades é a grande mestra da vida. Obriga. Coage. Desentorpece movimentos e sentimentos, por mais recônditos e íntimos. Ensina a vencer o amor próprio, desordenado e corrompido. Se todos os homens experimentassem precisões, haviam de acabar muitos caprichos que aqueles sustentam galhardamente.

Quem diz a fome, diz o frio, diz a doença. Eles são escolas salutaras incomparáveis. Não actuam somente com fim de medicina individual, mas colectiva, digo, com proveito universal.

As necessidades generalizadas irmanam os homens tocados pela mesma ferida, levando-os a compreender melhor as dificuldades alheias, porque igualmente sentidas e não apenas conhecidas pelo exterior, através do jornal que as relata ou da T. S. F. que as transmite. Para uma compreensão exacta dos outros, não há como percorrer os mesmos transeos ou suportar semelhantes entaladelas.

Tenho pedido a Deus que dê fome aos que a não têm, para que haja mais gente sem ela.

Tenho-lhe rogado igualmente que dê frio aos que vivem sem ele, para que haja menos pobres e crianças a triritar.

Tenho suplicado a doença para os que gozam complacente e egoístamente saúde, a fim de que estes conselem os que já sofrem e todos venham a salvar-se pela lembrança mais atenta do próprio fim.

Aqui em casa pisamos alegremente este mesmo terreno e aprendemos por esta mesma cartilha. Para que os rapazes compreendam e amem sempre a pobreza e apreciem quanto se lhes dá, não desejamos de forma alguma que eles esqueçam o lugar e circunstâncias do antigo viver. E Deus sabe onde e como! Se alguma coisa se estraga, por desmazelo, não é imediatamente substituída, para que eles sintam a falta daquilo que não souberam estimar.

O Bolacha mais o Ordins que o digam: andam os dois a comer em prato rachado. E o Júlio que estragou os sapatos! Como ele tem pena dos que andam descalços à padiola! Pudera! Se ele faz parte do rancho!

Ora, parece-me que o Lélé não torna mais a discutir, nem a caprichar com o caldo seja ele de nabo ou cebola, nesta tão esquecida, mas tão bonita Casa do Gaiato de Beire.

Quem na vem visitar?

Padre Baptista

Visado pela  
Comissão de Censura

# MAIS CARTAS

«Que Deus proteja a vossa Obra.

Eu, e meu marido sempre pensamos ter uma casa mesmo nossa. Passados mais de 30 anos de casados ainda não tivemos essa oportunidade e para que nem todas as intenções sejam perdidas, resolvemos oferecer nma casa para os seus pobres e que ficará a ser a nossa casa. Vou enviar 6.000\$00 e espero que essa casa esteja paga dentro de um ano se Deus por vosso intermédio me conseguir as graças e auxílios de que tanto preciso e tão ardentemente suplico. A casa ficar-se-á a chamar *Casa do Capitão Oliveira* e será construída em local à vossa escolha».

X X X

«A ventania levou telhados (alguns de papel!), desmoronou barracas e a chuva entrou furiosamente, encharcando colchões, mantas, etc. Famílias com crianças de todas as idades ficaram sem abrigo. Os outros, mesmo dentro de casa (?) patinham na lama e a água, entrando pelas janelas e pela porta, faz poças ou corre como um pequeno regato.

Este é o Inverno dos que não têm casa, esta é a situação em que centenas de famílias aguardam a resolução de problemas que há muito deviam estar resolvidos, mas que o não foram, porque quem tem de os resolver vive em casas confortáveis.

Nem tudo porém são tristezas. «O Gaiato» traz-nos a feliz nova da fundação da casa de «Belém».

Deus semeia a inquietação nas almas e isso traz-nos a esperança de melhores dias.

Junto com esta vai uma curta importância para «Belém». E só para marcar presença, pois espero em Deus que outras importâncias mais avultadas seguirão depois.

A casa que Deus me tem ajudado a construir, é em reparação da afronta feita a Jesus Nascimento, em Belém, há 20 séculos e que se tem repetido pelas idades fora na pessoa do menino pobre; Belém, destina-se também a reparar essa mesma afronta, tomando conta de crianças abandonadas. Como não havia de ler cheio de comoção a notícia do «Gaiato»?

Há porém uma afronta ainda maior, ainda mais terrível, que a sociedade de boje inflige às pobres crianças inocentes: são os meninos sem pai!

Eu tenho-os conhecido já homens, e em que circunstâncias!

Quando um operário tem de ser despedido por jogador, gatuão inveterado, vadio ou desordeiro; quando a polícia ou o tribunal o procuram, é quase certo que na sua ficha se podem ler estas terríveis palavras: *pai incógnito!*

E eles choram a sua desgraça, a sua vida despedaçada e condenada desde o berço. Nas suas lágrimas de homens endurecidos por uma vida de miséria, quantos sofrimentos se adivinham!

Verdadeiramente quem devia sentar-se no banco dos réus? Quem devia cumprir a cadeia? Quando é que a polícia devia actuar? Naquela hora ou vinte anos antes?

Eu não acuso, mas dou testemunho.

Só Deus é juiz, mas os «réus»

que meditem nas suas culpas porque, se escaparem aos tribunais humanos, jamais escaparão ao Tribunal Divino.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

*Deus conhece as cenas que aque-  
li caverna presenciou. Inferno!  
Inferno que condenaria a outro  
Inferno sem fim quatro meninas  
lindas como Deus, de quem são  
espelho; um filho de catorze  
anos com a alma cheia de cha-*

## Setúbal

— Continuação da 1.ª página —

*gas; um homem doente e vencido;  
uma mãe que já não era mãe e  
um agente do demónio, que apa-  
rece sempre nestes lugares pro-  
pícios à degradação!*

*Ao que uma família pode des-  
cer! Só por causa da miséria! Só  
por não haver quem dê a mão!  
Só por te deitares sossegado en-  
tre lençóis lavados sem pensares  
em Deus e nos teus irmãos po-  
bres que são como tu a Sua ima-  
gem! Eu já não falo de riquezas  
ajerrolhadas a chaves indestru-  
tíveis! Já não falo! Eu digo sô-  
mente dos que podem tirar à  
boca e ao vestir alguma coisa e  
não tiram. Estes é que me ajuda-  
ram. É a estes, que me dirijo.  
Aos outros não tenho coragem.*

*A família da toca é agora uma  
família. Tem casa. Há um só pai,  
muitas filhas e filhos. Alegria.  
Ressurreição. Paz. Acreditam em  
Deus e são seus amigos!*

*Bendigamos ao Senhor! De-  
mos graças a Deus!*

Padre Acílio

# AGORA

— Continuação da 2.ª página —

Deus seja louvado, agora S. José que escolha os seus moradores, pois da minha parte ofereci-lha sem condições. Apenas me resta oferecer-lhe a alegria que nos vai na alma pela realização da obra.

A V. Rev.ª também um muito obrigado por todas as atenções que a ela prestou, fazendo votos para que o número se multiplique até não existir um Lar sem lar, estou certo de que só assim ficaria contente.

Outra necessidade me está a bater à porta; é provável que tenha de desaparecer de Vosso convívio por algum tempo, mas se Deus me ajudar, voltarei breve.

Esta coluna é tão familiar, que a gente fica com saudades quando os peregrinos vão chegando ao fim. Eles também, quase todos. Daí a vontade de voltar. É o «quanto mais, mais...» do Evangelho. Até breve, pois, meu Amigo do «Lar de S. José». Ficamos esperando por si

Outra casa que termina: «Anunciação». É o primeiro mistério de um Rosário que «espero não morrer sem ver» — diz quem a deu.

Quem dera que em volta de um Santuário de N.ª Senhora, Fátima, de preferência, alguém quisesse tomar sobre si a iniciativa dos 15 mistérios meditados conta a conta, no sabor da Caridade: que é dar uma lareira a uma família que a não tem! Quem dera!

«Anunciação» já mandou este Janeiro mil escudos. Porém «Anunciação» agora, permanecendo o mesmo, passa a chamar-se «Visitação». É o segundo mistério. É a segunda casa.

Quem rezará no mundo outro rosário mais querido de Deus?!

E eu tenho de acabar. Faltam duas notícias..., mas eu não resisto e elas têm de ir à parte, em *Cartas*, para que o jornal não seja só e todo *Agora*.

A Obra da Rua é ponto de encontro das almas. Os pais encontram-se com os filhos; estes com os pais. «Junto envio 100\$ em acção de graças pelas bodas de ouro de casados de meus paizinhos. Os esposos também. «Envio 50\$ sufragando a alma de minha mulher que Deus levou para Si». Deixei noivos oferecerem presentes de Natal e depositá-los em nossas mãos. Ó Beleza! Em acção de graças pelo feliz aparecimento de uma sobrinha — 20\$. Um filho reza pela sua Mãe e manda-nos 200\$ pedindo a celebração de uma Missa. Quinhentos do que «nas horas difíceis se lembra de Pai Américo». Uma Maria dá outro tanto para a família mais pobrezinha. Seu desejo será cumprido. Para o mesmo fim, cem de Coimbra de J. A. X. S. Em «O Comércio do Porto» 395\$. Outra vez 500\$ de Angola «em acção de graças de uma Mãe pelo exame de seu filho».

O Pessoal da Fábrica de Tabacos (a Portuense) vem com toda a simpatia trazer o produto dos mealheiros ali existentes. Soma 2. 736\$40. Pano para sobretudos de B. B. C. A Guarnição do «Carvalho Araújo» está presente. Ó simpatia! Nunca falham! Os pobres do Barredo são lembrados — três notas de cem de «um que muito lhes deve». 2 iguazinhas para a Viúva da «Nota da Quinzena» e para uma mãe alimentar o seu filho. Uma migalhinha, de Viseu, sufragando

## do que nós NECESSITAMOS

a alma do pai. Outra em acção de graças. No Espelho da Moda uma de mil com esta legenda: «2 amigos da Obra da Rua». Metade da R. de S. João, 88. Caxarias — Norte fala-nos do seu carinho pela boca de um dos seus filhos. Tanto *Amor!* Ora vejiam: «com muito prazer envio 70\$, proveniente de um pequeno trabalho de bordados que minha mulher fez com este destino». Mais ainda: «Junto 100\$ — um mês de abono de meu filhinho». Três vezes mais de uma anónima do Porto. O Pessoal da Mobilil não falha nunca — 58\$50. Passa uma viúva com cem, sufragando a alma de seu marido. O do costume para a viúva dos oito filhos. Passa um Armazém de Fazendas, de Guimarães, com 2 peças de cotim, que tanto jeito nos fazem. Olhe que recebemos o seu óbulo de 20\$. E também recebemos de A. J. F. uma nota de cem. Isto é que foi! Gravatas, muitas gravatas! Ao dominico é vê-los todos tirones. 100\$ de uma promoção. E logo a seguir outra com 371\$60. Não falham os 6 tostões. Que devoção! Duas vezes 75 para o Barredo. E bem juntinhas 3 notas de vinte. Restos de assinaturas pagas. Muitos.

Logo a seguir 5 de cem, de Lisboa e mais uma não sei de onde e metade do Porto. Gaia vem com 250\$. Lisboa acrescenta mais um pouquinho. Mãe do José Angelo, olhe que recebemos tudo o que nos mandou. Da R. da Corticeira: «Não mandei nada para a consoada porque tenho tido pouco trabalho. Peça a Deus que me dê muito trabalho». De Resende 20 para uma Missa e 50 para o mesmo fim, celebrada no dia 21. Deixem passar outro armazém. Vem de longe, da Beira Baixa. Sentiram o frio e mandaram-nos mantas de lã. Um lençol, de Mangualde, com 50\$ embrulhados. Do Grémio dos Armazenistas de Mercearia, 2.000\$. Mais notas de cem. Perguntamos se recebemos. Podem estar tranquilos. A nossa África fala em Luanda. De Lisboa, os 50 do costume para os pobres do Barredo. Recebemos sim. Fausto & Machado lembra-se de nossos pobres com 4 de cem. «Os 20 estrelas de S. Lázaro», com palavras de muito carinho, mandam 520\$. Figueira da Foz diz presente com 50\$. Quatro vezes mais e esta lição da experiência: «Junto envio uma importância que era habitual enviar todos os anos. O ano último não mandei, não sei porquê, talvez porque tivesse mais dinheiro. Assim, agora vão duas prestações. São 200\$». Mais migalhinhas para o Barredo de M. F.

Padre Manuel António



# BELÉM

«Uma casa de família para as sem família».

Por hoje, uma ligeira conversa com os leitores, sobre assuntos de ordem prática, e orientada de modo a dar resposta a alguma perguntas que me têm sido feitas.

Vim encontrar em Lisboa, donde escrevo estas linhas, uma linda imagem de Nossa Senhora com o Menino, antiga, de madeira. Esta oferta, a mais que um título valiosa, de uma Senhora da Capital, veio mesmo ao encontro dos nossos desejos.

A Mãe de Jesus e nossa Mãe foi, desde o início, escolhida para conselheira e protectora de todas aquelas que não de vir acolher-se a «Belém». É preciso, pois, que a Sua Imagem ocupe na casa um lugar de honra, para que todas as suas habitantes se habituem a venerá-la e a implorar o Seu auxílio, em todas as necessidades.

Aqui vem, muito a propósito, a seguinte carta, chegada do Santuário de Fátima, e que bem gostaria de ver publicada, na íntegra, se para tal fosse possível conseguir espaço n'«O Gaiato»:

«Não só de pão vive o homem, mas também da palavra de Deus. Por isso eis-me aqui.

Há muito que esperava por «Belém». Há quantos anos pedia e fazia pedir ao Céu pelas futuras habitantes de «Belém»! Chegou a hora. Se até aqui, agora muito mais ainda.

Louvado seja Deus!  
P'rá frente com coragem e confiança nos Corações de Jesus e Maria.

Junto, o símbolo do Pão do corpo e da alma. Que sejam outras tantas Jacintinhas porque foi também para elas a mensagem da Mãe do Céu.

Continuo a fazer violência, não digo bem, a falar mansinho junto do Pai do Céu pelas irmãs de «Belém» às quais peço a esmola continua do ciclar dos seus lábios à beirinha do Coração do Divino Infante sempre Pequenino por este irmão

*Sacerdote».*

Esta carta veio acompanhada de grande quantidade de pagelas da Jacinta e mais 100 escudos.

Que alegria sentimos ao ver assim iniciado um intercâmbio espiritual entre «Belém» — casa das sem amparo — e Fátima — solar da nossa Mãe do Céu!

E aqui está com 50 escudos, a Senhora que prometeu voltar, se a primeira oferta chegasse ao seu destino. N. S. lhe dê, como pede, saúde que chegue para voltar mais vezes.

«Eu sinto profundamente o drama — creio não haver exagero — da nossa rapariga» — diz um cavaheiro que manda 50, prometendo não esquecer Belém.

Cândida Maria também envia 50, sufragando a alma de sua irmã e diz antever a Obra frutuosa e abençoada. Deus a ouça! Um copista reformado marca presença com 50. Do Gavião, uma Maria Isabel envia 200, que eram para o réveillon que foi passado pacatamente em casa.

Por um antigo assinante de «O Gaiato» e grande admirador da Obra de Pai Américo, foram entregues em nossa casa os primeiros cem escudos. Que com es-

te outros aprendam o caminho de Belém... De uma Visiense 20. Uma viúva com três filhas manifesta a certeza de que Deus nos há-de ajudar e envia 50. Sem esperar o auxílio divino, quem poderia ganhar coragem para meter ombros a carga tão pesada?

M.<sup>a</sup> de Fátima diz que envia uma oferta em duas encomendas registadas, por alma dos Padres Américo e Cruz. Agradecemos que nos digam sempre o que trazem as encomendas, para as podermos distinguir.

Várias pessoas nos perguntam o nome e idade das pequenitas: Deolinda, de 9 anos, Leonilde e Madalena, de 8 e Sãozita, de 5. Mas, minhas senhoras, se se trata de fazer peças de roupa, devo dizer-lhes que estas quatro já estão remediadas. Preciso é agora ir preparando o enxoval para aquelas que não de vir e que não tardarão a. Dos 4 aos 10 anos, haverá tamanhos para todos os gostos.

Por intermédio da sua professora, as crianças da Escola Feminina da Faniqueira, Batalha, enviam 33 escudos «feitos dos tostões que caíram na bandeja do Menino Jesus, quando da festinha que as escolas fizeram, na véspera de férias».

De P. e Reis, 100\$. Do assinante n.º 9306, 30 escudos. Do Porto, 20 escudos, poupados no tabaco. De J. C. M. 100 escudos. Mais 50. Aurora de Albergaria envia 400 escudos.

Por tudo, bem hajam!

O nosso endereço: Belém — Vildemoínhos — Viseu.

*Inês*



O Anastácio, chefe eleito do Tojal.

ses, a viver num único compartimento. Cinco pequenitas, sem pai e abandonadas da mãe e que são agora uma grande preocupação para quem se interessa por elas.

A miséria é uma consequência

## Tribuna de Coimbra

— Continuação da 1.ª página —

natural da grandeza falhada. Os miseráveis são o fruto tributário dos grandes ricos. São dois extremos que ora se tocam, ora se repelem.

O que mais nos custa não é o reclame e organização destas festas espectaculares, mas o acatamento por parte de pessoas que se prezam de decentes e até de cristãs e talvez mesmo de católicas! Julgam haver dois códigos de moral diferentes: um para satisfação dos prazeres e outro para cumprimento dos deveres. Na verdade, e em virtude desta leitura errada do Decálogo, o vício enche o mundo de filhos sem pai e mulheres sem honra e inunda lares de trevas. *Vemos por toda a parte que a sedução e o abandono, já não são delictos sociais! Entraram no costume! São acontecimentos normais!*

Espero que os meus leitores, sobretudo os que estão em postos de comando, não ponham cera nos ouvidos.

*Padre Horácio*

## Crónica do Tojal

— Houve eleições.

O chefe em nossa casa tem que ser o sustentáculo da família. É o filho mais velho. Quando não o há, ou não é, a família ressenha-se, clama, sente-se vazia, precisa. Falta uma med'ca essencialíssima. Pode agir, mas em carência; segue sem equilíbrio perfeito.

E então, no dia 16/1/59, teve lugar a nossa eleição pelas nove horas e meia da noite. O silêncio quase absoluto quando se distribuíam os cartões donde saíra o maioral.

Com a respiração cortada, toda a sala escutava os nomes que um após outro se iam proferindo. Lentamente, a contagem ascendia para o mais indicado.

Aproximou-se o momento culminante de todo aquele quadro: «Heina pá! já temos chefe!» Foi de coração cheio que os rapazes gritaram emocionados. Foi o Anastácio.

— O Tojal de hoje foi o teatro onde o Anastácio deu provas da sua capacidade de sacrifício, boa vontade de colaborar e de rapaz competente. Anastácio transformou-se incomensuravelmente. Um rapaz sadio e cheio de promessas.

Que o Senhor te dê Graças e empregues pa'avras e exemplo para que possas convencê-los, a todos os nossos rapazes.

*Zé do Porto*

## Campanha de Assinaturas

(Continuação da segunda página)

Que o vosso singelo jornalzinho, todo feito da caridade de quantos precisam e dos que ajudam, seja para o meu filho, uns 12 anos incompletos apenas, um incentivo de bem fazer e admirador da Obra da Rua do Pai Américo».

É de Nampula, esta carta. E temos aqui outra, da Beira — que forno! E Luanda. E Sá da Bandeira. E Lourenço Marques. E outra vez Luanda. E Xinavane. E muitas saudades para todos os amigos que ouviram, em África, com tanto fervor, a palavra inesquecível de Pai Américo. Ó jornada admirável que resistes à erosão do tempo! E porquê? De Costa a Costa, Pai Américo mais não fez que pregar Cristo, e Cristo Crucificado. Mais não fez que pregar o «óbulo da viúva». Mais não fez que evangelizar. Evangelizar em terra de missão, por excelência. Eu tenho saudades dessa jornada. E os africanistas? Nem se fala!

*Júlio Mendes*

# Peregrinação a Lourdes

— CONCLUSÃO —

Voltamos de novo a Irun. A estrada está em quase todo o percurso, ladeada de platanos. Na margem esquerda as fábricas de papel. Daí as águas do rio espumarentas e com gorduras à superfície.

Partimos para a fronteira às 13 e entramos na França.

Passamos por Goyana, Bayonne, grande estância termal, e a graciosa cidade de Pau.

Chegamos finalmente a Lourdes. 29 de Agosto de 1958. É noite. Já vemos a cidade toda iluminada e chove torrencialmente. A água invadia as ruas e as valetas. Estivemos na camionete sem poder sair durante muito tempo. Até que por fim, pisamos terra de Lourdes. Ficamos instalados no Esplanada Hotel, onde fomos jantar.

Em seguida, cada qual foi apresentar as boas vindas à Mãe do Céu, que sorrindo docemente, na sua velha gruta, nos consolou a todos. Nós cá estamos, Mãe, Tu também estás. Nós gaiatos, que a não temos na terra, vimos descansar um pouco a nossa cabeça no teu regaço, sim?

Não vemos a nossa da terra, ou melhor, a mãe material, mas consola-nos, o saber que és nossa amiga, que olhas por nós, mais do que ninguém. Sabemos que é assim. Vimos-te sorrir. E que sorriso lindo o Teu! O Teu meigo olhar, com o rosário entre os dedos e rosas a Teus pés. Vimos-te muito bela. As mais belas páginas de luz do livro de amor que trouxeste aos homens, onde brilha a flor mais bela que existe no jardim do Senhor. Se eu fosse poeta, havia de cantar. Assim, como sou pobre, com a nossa linguagem rude, Te pedimos pão para todos os rapazi-nhos que andam por esse Portugal fora, fugindo da lei e da polícia, porque os homens fogem à Tua e lei de Deus. Te pedimos um pouquinho de amor para todas as almas que estão nas casas do Gaiato, sabes? Então não houveras de saber?! Se o Pai Américo já contou.

No meio de religioso silêncio e grande respeito, passavam portugueses, franceses, espanhóis, suecos, italianos, mineiros alemães, ciganos... De todo o mundo, desde os lugares mais longínquos, de todas as classes e categorias, mas que aqui só era uma: a de pecadores. Uma grande e interminável babel perpassava diante da figura alva da Mãe do Céu. No meio daquela beleza toda descobrimos que Nossa Senhora tinha um ar de tristeza a transparecer-lhe do rosto. Eram os filhos pródigos que não queriam ver o Caminho. A constante crucifixão de Seu Filho.

Todo o mundo acorre a este lugar, que seria o rincão mais belo da terra, se não fosse profanado pela ambição material que o tornou em lugar de comércio. E se, como outrora, Jesus viesse por aí abaixo a expulsar os vendilhões do tempo? O homem não pensa que as límpidas águas do Gave se podem transformar em sangue ou em serpente que os devore! Que quanto mais alto se sobe na ter-

ra, mais longe se pode estar do Céu! Vemos N.ª Senhora. Em tudo é harmonia. Através de sua figura sentimos o orvalho do Amor que nos afaga a alma.

Quando Pai Américo estava triste ia procurar conforto na capela. Falava contigo. E Tu ouvias. Nunca deixaste de nos amparar. És Mãe. A Tua graça entrou no coração de todos os rapazes, grandes, médios, «batatas», que foram libertados das garras homicidas deste mundo treloucado. Daquelles que têm por casa as valetas e a lua e as estrelas por companheiros. Bem sabemos que nem sempre estás contente por não sermos gratos como era nosso dever, mas vamos fazer para ser melhores.

Apenas uma palavrinha para os «Padres da Rua», herdeiros da grande cruz que Jesus da Galileia lhes pôs às costas. Que é a Obra da Rua senão um Pentecostes? Que é Ela senão o Cristo vivo? Chuva de Graça cai pelo sacrifício destes Pelicanos que vão beber à Fonté aonde foram convidados. Que assistiram à multiplicação dos pães, à ressurreição de Lázaro. Que viram as águas amainarem em plena tempestade. Assistiram à Transfiguração do Monte Tabor. Aquelles a quem o Senhor Jesus pôs a mão no ombro: «Deixai o mar, as redes e o peixe. Agora sereis pescadores de homens».

Esta revolução dos Tocados, que vem de dentro para fora, não mais findará enquanto não prevalecerem os direitos humanos. Enquanto as tábuas da lei forem atiradas pela janela fora. Ai de quando os homens procuram dar por seus próprios meios, o remédio às coisas!

É a Ti, Mãe do Céu, que estes se consagram. Bebem do fel há dois mil anos dado ao Justo. É a Ti, quando nos reunimos nas escadas das escolas e da capela e dentro desta para Te dar as boas noites.

Lourdes é muito linda. Pena é que esteja o tempo tão triste. Para qualquer lado que se vire a máquina fotográfica, a foto é linda concerteza. Parece que esta terra foi feita, tecida de propósito, para a visita da Mãe do Senhor.

A Fonte continua a jorrar... Os louvores não cessam. Toda a noite e todo o dia. Milhares e milhares de pessoas afluem à Basílica, Cripta e Basílica subterrânea e à Gruta de Massabielle.

Todos os dias deste ano centenário há procissão em torno da Praça, onde uma bela imagem da Virgem, cheia de luz e afoçada em flores, olha para todos os lados, cumprimenta e dá sua bênção. Também participamos no meio de muitos estrangeiros.

Meia noite precisamente. Não podíamos, no meio do Santo Sacrifício, esquecer a Senhora D. Eugénia Costa, do Brasil, que viemos representar. Outro amigo que proporcionou a vinda do M. Pinto. E todos quanto deixamos em Portugal. A Mãe entrou na casa de todos.

*Daniel*